

# 1

A fama requer todo o tipo de excessos. Refiro-me à verdadeira fama, um néon devorador, e não ao sombrio renome de estadistas apagados ou de reis insignificantes. Refiro-me a longas viagens num espaço cinzento. Refiro-me a perigos, ao gume do vazio, à circunstância de um homem comunicar um terror erótico aos sonhos da república. Compreendam o homem forçado a habitar essas regiões extremas, monstruosas e vulvares, humedecidas por reminiscências de transgressão. Ainda que meio louco, esse homem é absorvido pela loucura geral do público; ainda que inteiramente racional, um burocrata no inferno, um génio secreto da sobrevivência, ele tem a certeza de ir ser destruído pelo desprezo da massa pelos sobreviventes. A fama, este tipo de fama, alimenta-se do escândalo, daquilo que os conselheiros de homens inferiores considerariam publicidade negativa — histeria em limusinas, lutas à facada na assistência, litigâncias bizarras e traições, pandemónios e drogas. Talvez a única lei natural associada à verdadeira fama seja a obrigatoriedade, para o homem famoso, de um dia se suicidar.

(Percebe-se que fui um herói do *rock 'n' roll*?)

Perto do termo da última digressão, tornou-se perceptível que o nosso público desejava mais do que música, mais até do que o seu volume sonoro reduplicado. É possível que o estado da cultura tivesse alcançado um limite, um ponto de tensão extrema. Nessas últimas semanas, notava-se menos a sensação de simples abandono visceral nos nossos concertos. Poucos casos de fogo posto e de vandalismo. E menos ainda de violações. Nem bombas de fumo nem ameaças de explosivos piores. No seu isolamento, os nossos seguidores já não estavam preocupados com precedentes. Sentiam-se livres dos velhos santos e

dos mártires, mas também amedrontados, deixados a sós com a sua carne sem rótulo. Os que não tinham bilhete já não tomavam de assalto as barreiras, e durante o espectáculo os rapazes e raparigas por baixo de nós, de garras estendidas para o palco, pareciam menos violentos no seu amor por mim, como se tivessem compreendido finalmente que a minha morte, para ser autêntica, teria de ser por mim desejada — que apenas seria instrutiva se ocorresse pela minha própria mão, de preferência numa cidade estrangeira. Comecei a achar que a educação deles não estaria completa enquanto não me superassem como professor, enquanto continuassem simplesmente a pantomimar o tipo de reacção em massa a que a banda estava habituada. Enquanto tocávamos, eles pulavam, dançavam, caíam, agarravam-se uns aos outros, esbracejavam, mas tudo isso sem ruído nenhum. Nós estávamos no fosso incandescente de um gigantesco estádio repleto de corpos furiosos e ondulantes, todos num perfeito silêncio. Sem os gritos do público, a nossa música recente era quase desprovida de sentido, e não haveria outra solução senão deixar de tocar. Teria sido uma piada bem profunda. Uma lição sobre qualquer coisa.

Em Houston, abandonei o grupo sem dizer nada e apanhei um avião para Nova Iorque, esse santuário contaminado, a cidade onde nasci. Sabia que o Azarian, sendo o mais bonito de corpo, assumiria a liderança da banda. Quanto aos outros — jornalistas, pessoal da promoção, agentes, contabilistas, diversos membros da aristocracia administrativa — deixei-os entregues aos respectivos berreiros. O público seria quem melhor compreenderia o meu desaparecimento. Este não era tão definitivo como o gesto de que ele precisava, e ninguém podia ter a certeza de que eu me tivesse despedido para sempre. Para os meus seguidores mais próximos, o meu gesto não prefigurava mais do que um intervalo. Das duas uma, ou eu regressaria com um novo idioma para eles falarem, ou eles procurariam um silêncio divino afim do meu.

Apanhei um táxi para Manhattan a seguir ao cemitério, enquanto vagas de luz cinzenta rebentavam de encontro aos coruchéus. Nova Iorque parecia mais velha do que as cidades da Europa, uma oferta sádica do século XVI, sempre à beira duma epidemia. Mas o taxista era jovem, um miúdo sardento e com um penteado afro ruivo de médias dimensões. Disse-lhe para ir pelo túnel.

«Há um túnel?», perguntou ele.

Na noite anterior, no Astrodome, o grupo subira ao palco sem mim. A presença do Azarian era vasta, mas nessa primeira noite nada pode-

ria ter quebrado o humor sombrio da multidão. Viraram-se contra a própria infra-estrutura, destruindo tudo o que era destrutível, tentando rasgar o relvado artificial, atacando o próprio sistema de rega. Os portões foram abertos e a polícia entrou, inexpressiva, ocultando mentalmente o regozijo atrás de olhos de contador. Executaram as suas cargas patenteadas, partindo pernas e braços num esforço para proteger o conceito de temperatura regulada. Numa das declarações públicas mais infelizes do ano, o Globke, o meu agente, referiu-se à operação policial como um exemplo de minigenocídio.

«O túnel passa por baixo do rio. É um belo túnel, com paredes de azulejo branco e homens em gaiolas de vidro, a contarem os carros que passam. Um dois três quatro. Um dois três.»

Eu estava interessado em epílogos, em como sobreviver a uma ideia morta. O passo seguinte dos feridos de Houston talvez dependesse do que eu fosse capaz de aprender para lá de certos limites pessoais, na terra do fim, longe dos trópicos da fama.

## 2

Fui para a minha sala de Great Jones Street, uma divisão pequena e assimétrica, fria como uma moeda preta, com vista para armazéns, camiões e entulho. Havia neve no rebordo da janela. Alguns trapos e uma camisa de que eu não gostava tapavam as frinchas na caixilharia por onde entrava o frio. O frigorífico, desligado, estava cheio de álbuns, cassetes e revistas antigas. Fui até à banca da cozinha e abri por completo as duas torneiras, obtendo um fio de água intermitente. Menos é melhor. Experimentei o rádio e consegui apanhar uma estação em AM, mas nada em FM. Mais tarde, barbeei-me e fiz um golpe fundo. Foi estranho observar a larga prega de sangue a aparecer-me na garganta, a assomar ao longo do golpe e a começar depois a escorrer num padrão irregular. A cor não era má. A sala precisava duma pintura. Estanquei o sangue com papel higiénico e tentei, em vão, dormir um pouco. Depois pus o casaco da Opel sobre os ombros e desci para comprar comida.

Na rua estava escuro, voltava a nevar, e um homem de sobretudo estava de pé na ruela entre Lafayette Street e a Broadway. Contornei uma pilha de contentores marítimos. Os edifícios industriais ao longo de Great Jones Street pareciam desproporcionados, estruturas largas e com metade da altura que deviam ter, como se privadas de luz pelas cordilheiras de arranha-céus que se erguiam a sul e a norte. Encontrei uma mercearia a uns três quarteirões de distância. Um dos clientes deu um toque à mulher a seu lado e acenou com a cabeça na minha direcção. Um silêncio carregado e familiar tombou sobre a loja. Eu peguei no pequeno gato castanho do proprietário e deixei-o enroscar-se contra o meu peito. O homem que me tinha detectado aproximou-se aos poucos, fingindo ler rótulos ao longo do percurso, até se juntar

timidamente a mim ao pé da caixa, a viva efígie do contabilista ou do conselheiro fiscal, irradiando o seu tipo de grotesco particular, o dos homens razoáveis e com vidas normais.

Voltei para casa e dei com o Globke de braço enfiado na sanita.

«Deixei cair uma moeda», disse ele.

«Esse chão não está muito limpo. Vais estragar as tuas calças novas. São feitas de quê — vinil?»

«Polivinil.»

«E a camisa», disse eu. «É feita de quê?»

Ele levantou-se a custo, depois meteu o estômago para dentro e ajeitou as roupas. Seguiu-me até à divisão principal, não propriamente uma sala de estar, já que incluía uma banheira e um frigorífico. O Globke vivia num duplex situado numa colina, do outro lado do rio Hudson. O seu apartamento era uma residência modelo de móveis à medida e paredes com desenhos geométricos, num aparente desafio à indolência cultivada de Riverside Drive. A sua segunda mulher era jovem e vaporosa, estudante de religiões orientais, e a sua filha, nascida do primeiro casamento, tocava violoncelo.

«Há uma história por trás desta camisa», disse ele. «Esta camisa fazia parte duma toalha de altar bordada. Está benzida. Feita por monjas cegas no sopé dos Himalaias.»

«Que cor é essa? Acho que nunca tinha visto uma camisa dessa cor.»

«Vômito de lama», respondeu ele. «Foi o que me disseram quando a comprei. Circulam rumores de que morreste, Bucky.»

«E tu acreditaste?»

«Vim aqui expressamente para te dizer, fora de brincadeiras, que, sejam quais forem as tuas intenções, estamos determinados a apoiar-te, independentemente de receitas, dinheiros, rendimentos — o que seja. Em primeiro lugar estão as tuas intenções.»

«Eu não tenho intenções nenhuma.»

«Questões contratuais. Prazos com estúdios. Compromissos de gravação. Digressões. Avançamos quando disseres pra avançarmos. Até lá, ficaremos à espera de pernas cruzadas. Que diabo, um artista é um artista. Reservas. Entrevistas. Conferências de imprensa. Datas de lançamentos.»

«Como é que entraste aqui?»

«Não foi difícil descobrir onde estavas. Eu sabia que estarias aqui. A partir do momento em que descobrimos que tinhas vindo para Nova